

Última sessão do Congresso é tediosa

BRASÍLIA — O ministro da Saúde, Alceni Guerra, cancelou todos os compromissos agendados para a tarde de ontem e foi assistir à última sessão do Congresso Nacional. Queria matar saudades dos tempos de deputado. Sentou-se no fundo do plenário disposto a permanecer ali por "umas três horas". Mas não suportou o tédio da sessão e foi embora 50 minutos depois. Se tivesse ficado mais tempo, assistiria a uma sessão melancólica. Dos 570 parlamentares, 290 passaram pelo plenário, mas menos de 50 permaneceram na sessão. "É o retrato da desmoralização do Legislativo. Ninguém dá importância ao que acontece aqui", constatou o deputado Paulo Delgado (PT-MG).

A grande maioria dos parlamentares derrotados nas urnas não apareceu na última sessão. Além de evitar despedidas, fugiam de um encontro, nos corredores, com os novatos, que foram responsáveis por suas derrotas. "Eu fiquei triste no penúltimo dia. Os meus amigos foram embora. Mas eu quis ficar até o último momento", desabafou o deputado Chico Pinto (PMDB-BA), que não tinha chances para disputar a reeleição. Na noite de quarta-feira, o aeroporto de Brasília ficou cheio de derrotados. "Foi uma chorradeira", contou Chico. Depois de dezessete anos de Câmara, ele não sabe o que

vai fazer. Só tem uma certeza: fica em Brasília.

Mais melancólico do que Chico Pinto, apenas o presidente da Câmara, deputado Paes de Andrade (PMDB-CE). Foi rapidamente ao plenário para marcar sua presença, sentando-se ao lado de dois outros derrotados. Para quem tem 40 anos de carreira política, a última sessão tem um gosto amargo. Sem graça, recebeu um abraço da deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), que disse torcer pelo seu retorno daqui a quatro anos. Até lá, ele vai escrever livros. Projeto bem modesto para quem organizou, como presidente interino da República, uma majestosa viagem a sua cidade natal, a minúscula Mombaça.

Oito malas — Bem-humorado, o deputado Fernando Santana (PCB-BA) aproveitava o descaso dos parlamentares pela sessão para pedir favores. "Você pode levar uma das minhas malas?", pedia. Conseguiu arrumar carregadores para cinco das oito malas. Derrotado, despachou a mudança, mas acabou ficando com muito mais coisas do que pretendia. Preferiu ignorar a última sessão e fez um longo discurso sobre a guerra no Golfo Pérsico. "Não vou ficar neurótico por estar longe disso aqui", proclamou. Aos 76 anos, ele vai recomeçar a vida em Salvador, com um escritório de engenharia

ria — profissão que não exerce desde 1982.

Para sentar pela última vez no plenário do Congresso, o deputado Samir Achôa (PMDB-SP) não mediou esforços. Na véspera, sofreu uma intervenção cirúrgica num dos olhos, mas abandonou o repouso e participou da sessão com oito tipos de medicamentos no bolso. "Acho que ele tem razão. Se eu não tivesse sido reeleito, ficaria aqui até o fim", opinou o deputado Haroldo Sabóia (PDT-MA). O esforço de Achôa, no entanto, não foi recompensado. Nenhuma das celebridades do Congresso Nacional discursou. O descaso com a sessão foi tanto que os deputados do PSDB, que estavam tendo uma reunião de banca, só deram uma passada para registrar presença.

"Amanhã, vou passar o bastão", resignou-se o deputado Adolfo Oliveira (PL-RJ). Lacônico, ele comentava a emoção dos momentos finais no Congresso. Após 32 anos de vida legislativa, não sabe o que vai acontecer na sua vida. Está à espera de um convite para trabalhar como assessor na Câmara. É a mesma situação do deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ). Embora negue que queira um emprego no Legislativo, trabalha nos bastidores para ocupar a Diretoria Geral da Câmara.